



Raça, Gênero e Saberes dos Povos da África na Difusão do Arroz *Oryza glaberrima*

André Vasques Vital ¹

RESENHA DO LIVRO

Carney JA 2018. *Arroz negro: as origens africanas do cultivo do arroz nas Américas*. Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau, 359 pp.

Obra clássica e pioneira sobre as origens africanas e femininas da domesticação do arroz *Oryza glaberrima*, “Arroz Negro” foi finalmente traduzido para a língua portuguesa por iniciativa do Instituto da Biodiversidade e de Áreas Protegidas (IBAP), com auxílio financeiro do Banco da África Ocidental (BAO), com sede em Guiné-Bissau. O livro é fruto de uma extensa pesquisa de caráter transdisciplinar desenvolvida por Judith Ann Carney, professora do Departamento de Geografia da University of California at Los Angeles (UCLA), cuja primeira edição remonta o ano de 2001. Carney é também autora do livro *In the Shadow of Slavery: Africa's Botanical Legacy in the Atlantic World*, lançado em 2009.

¹ Doutorado em História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Brasil. Docente no Centro Universitário de Anápolis, UniEVANGÉLICA, Brasil. vasques_hist@yahoo.com.br

Atualmente, sabe-se que apenas duas espécies de arroz foram domesticadas por humanos: o *Oryza glaberrima* (de origem africana) e o *Oryza sativa* (de origem asiática). Diversas controvérsias fomentaram os debates sobre as origens do *O. glaberrima* ao longo do século XX. Acreditava-se que essa espécie, que possui casca com coloração escura, havia sido introduzida na África pelos portugueses. Mesmo que essa controvérsia tenha se encerrado na segunda metade do século XX, a obra de Judith Carney é uma pesquisa pioneira por seguir o arroz *O. glaberrima* como uma cultura material dos povos que viviam entre os rios Senegal, Níger e o lago Chade, entre a costa e a região central do continente africano (Carney 2016; 2017)

O principal período analisado no livro abarca os séculos XIV e XIX. Ou seja, inicia com a chegada dos portugueses na costa da África, passando pela instituição da escravidão e do tráfico negro no Atlântico. A obra segue a difusão de sementes de *O. glaberrima* e o estabelecimento de sua cultura nas Américas, especialmente nos estados da Carolina do Sul e da Geórgia, nos EUA, até o retorno de ex-escravos para a costa da África, com sementes de uma variante do *O. sativa* desenvolvida na Carolina do Sul. É uma análise que privilegia processos, ou seja, busca as levadas migratórias, os fluxos de viajantes e escravos, as relações comerciais, a difusão intencional e não-intencional de sementes entre os continentes, os fluxos de saberes, as hibridações entre conhecimentos das populações africana, ameríndia, asiática e europeia. Nesses processos, os conhecimentos e práticas da mulher africana na cultura e difusão atlântica do *O. glaberrima* emergem como elementos centrais na domesticação e estabelecimento do arroz negro nas Américas.

Judith Carney desenvolve a sua análise em seis capítulos temáticos, promovendo uma obra de característica não-linear. No primeiro capítulo, ela analisa as descrições e os primeiros contatos dos europeus com as populações das áreas onde se desenvolviam a cultura do arroz na África ocidental, apontando como os relatos dos primeiros viajantes são ricos em indícios sobre a origem autóctone do *O. glaberrima*. No segundo capítulo há um desenvolvimento mais minucioso das origens do *O. glaberrima*, a complexidade de sua cultura, e os diferentes tipos de cultivo que existiam nas áreas produtoras na África. O capítulo três analisa a difusão do arroz e dos conhecimentos africanos sobre a sua cultura pelas Américas, enfatizando o caso das grandes plantações na Carolina do Sul, onde se desenvolveu um sistema complexo e opressor visando suprir o mercado europeu. O capítulo quatro analisa as divisões de gênero próprias da cultura do arroz e a centralidade da mulher no trabalho de produção orizícola. Analisa também como o brutal sistema de plantações da Carolina do Sul e da Geórgia desorganizaram as tradicionais divisões de gênero que marcavam a produção do arroz entre as populações da África. O capítulo cinco aborda como os saberes das populações de origem africana sobre a cultura do arroz foram esquecidas ou apagadas dos relatos norte-americanos sobre a produção na Carolina do Sul e Geórgia. Na

André Vasques Vital

produção da memória e história da transplantação do arroz para as Américas, foi enfatizada a inteligência e o trabalho do homem branco europeu que, supostamente, teria contado apenas com a força bruta das populações negras escravizadas. O último capítulo analisa as possíveis implicações do livro para a tese do intercâmbio colombiano, demonstrando, uma vez mais, a importância de analisar o papel das populações da África na difusão e troca de sementes e alimentos durante o período da escravidão.

Arroz Negro é um livro extremamente importante para a desconstrução de preconceitos que marginalizam as populações negras da África, quebrando estereótipos de raça e gênero. É uma obra fundamental para dar visibilidade aos conhecimentos e sucessos tecnológicos dos povos da África em momento anterior à chegada dos povos brancos europeus, além de incentivar outras investigações que tenham como objeto os saberes e técnicas de povos que foram outrora colonizados. Trata-se de uma análise importante por promover uma visão relacional de mundo. Contudo, o público-alvo privilegiado por Judith Carney parece ser os historiadores, além de estudantes e profissionais das ciências sociais. A linguagem, a opção por debates conceituais que são retomados em alguns pontos do livro, reforçam o rigor analítico, mas tornam a leitura mais difícil para os não-iniciados. Ainda assim, trata-se de uma obra que merece ser lida tanto por aqueles que estão dentro dos muros das universidades, quanto pelas pessoas que estão fora devido ao potencial de engendramento de um mundo melhor, com menos injustiças e preconceitos.

REFERÊNCIAS

Carney JA 2016. Between Land and Sea: Mangroves and Mollusks along Brazil's Mangal Coast. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 5(3):17-38.

Carney JA 2017. O Arroz Africano na História do Novo Mundo. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 6(2):182-197.

Carney JA 2018. *Arroz negro: as origens africanas do cultivo do arroz nas Américas*. Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau, 359 pp.

Race, Gender and Knowledge of African People in the Diffusion of Rice *Oryza glaberrima*

Submissão: 19/10/2018

Aceite: 27/11/2018